UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

A prática da contação de histórias: Contos e encantos na literatura de Malba Tahan no contexto da Educação Infantil e Ensino Fundamental

Alícia Santana de Castro

Seropédica
2011

Alícia Santana de Castro

A prática da contação de histórias: Contos e encantos na literatura de Malba Tahan no contexto da Educação Infantil e Ensino Fundamental

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como requisito para a aprovação final de curso de Licenciatura em Economia Doméstica.

Orientadora: Gisele Maria Costa Souza.

Seropédica

Julho/2011

Agradecimentos

A conclusão deste trabalho desperta em mim grande alegria, porém, sem ajuda, eu não teria alcançado mais essa vitória em minha vida. Gostaria de agradecer imensamente às pessoas que trilharam junto comigo este caminho, direta ou indiretamente.

Primeiro, quero agradecer a Deus por estar sempre ao meu lado, guiando meus passos e meus pensamentos.

Em segundo lugar, quero agradecer às duas mulheres mais importantes nesta jornada, sem as quais eu jamais teria conseguido superar todas as dificuldades que encontrei: Julieta, minha mãe e Gisele, minha professora, orientadora e, acima de tudo, amiga.

Não posso esquecer de todo o corpo docente que esteve comigo nesta busca pelo conhecimento, professores e professoras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que compartilharam comigo seus saberes e sua atenção. Também aos funcionários administrativos, sempre gentis e prestativos.

Às minhas filhas e meu filho, sempre pacientes nos momentos de minha ausência; contribuíram para fortalecer minha determinação e apoiaram minhas decisões.

Aos amigos e amigas que, perto ou longe, incentivaram meus sonhos que agora se tornam realidade.

RESUMO

Esta é uma pesquisa que pretende analisar a percepção de um grupo de professoras da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental referente às qualidades atribuídas aos personagens dos contos de Malba Tahan: A noiva de Romaiana, O mercador de sonhos e O marido alugado. Procura identificar costumes, valores e tradições da cultura árabe encontrados na leitura destes contos e fortalecer a literatura e a contação de histórias como instrumento no processo de ensino da educação infantil e no ensino fundamental para um grupo de professoras do Centro de Atenção à Criança – CAIC Paulo Dacorso Filho, escola pública localizada em Seropédica, Rio de Janeiro.

Palavra Chave: Contação de história - educação infantil e fundamental – prática pedagógica

SUMÁRIO

1. Introdução	**01**
2. Justificativa	**02**
3. Objetivo Geral	**03**
3.1 Objetivos Específicos	**03**
4. Enquadramento Teórico	**03**
4.1 A importância da literatura e da contação de histórias	**03**
4.2 Júlio César de Melo e Souza - O Malba Tahan	**05**
4.3 Os Contos	**07**
4.4 A Relação de Malba Tahan com a Literatura Infantil	**10**
4.5 A utilização das técnicas de contação de história na educação	**11**
4.6 As Representações Sociais	**15**
4.7 Costumes, tradições e valores orientais	**17**
4.8 A Mulher no Oriente	**18**
5. Metodologia	**20**
5.1 O software EVOC - Análise das Evocações Livres: uma Técnica de Análise Estrutural das Representações Sociais.	**20**
5.2 A coleta de dados	**21**
6. Análise e discussão de dados	**22**
6.1 A noiva de Romaiana	**22**
6.2 O Marido alugado	**24**
6.3 O Mercador de Sonhos	**27**
7. Considerações Finais	**28**
8. Referências	**31**
Anexo I – A noiva de Romaiana	
Anexo II – O Marido Alugado	
Anexo III – O mercador de Sonhos	

Alícia Santana de Castro

A prática da contação de histórias: Contos e encantos na literatura de Malba Tahan no contexto da Educação Infantil e Ensino Fundamental

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como requisito para a aprovação final de curso em Licenciatura em Economia Doméstica.
Orientadora: Gisele Maria Costa Souza.

Aprovada em ____/___/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Doutora Gisele Maria Costa Souza - DED

Prof.ª Mestre Ana Maria Crepaldi Chiquieri - DTPE

Prof.ª Mestre Carmen Oliveira Frade – DED

1. Introdução

Este é o resultado de uma parte do trabalho de dois anos como bolsista de iniciação científica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, realizado com professoras da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental do Centro de Atenção à Criança – CAIC Paulo Dacorso Filho, escola pública localizada no Município de Seropédica, no Rio de Janeiro. Nesse recorte, o objetivo foi conhecer a percepção das professoras em relação aos atributos referentes às personagens e aos costumes da cultura árabe encontrados em três contos de Malba Tahan e estimular a utilização da literatura como recurso para o Ensino Infantil e Fundamental, juntamente com a técnica de contação de histórias.

Os contos de Malba Tahan são recheados de traços da cultura oriental, questões éticas e religiosas, assim como sentimentos associados à justiça, bondade, amizade e seus opostos. A escolha dos contos de Malba Tahan foi intencional, para atender aos objetivos do trabalho e revelarem traços culturais que, de algum modo, seduzem o/a ouvinte pela beleza, simplicidade e ponto de vista do autor.

A proposta deste trabalho se justifica pela preocupação com a influência dos/as profissionais da educação na construção de conceitos e valores durante o processo de desenvolvimento de seus/as alunos/as e, espera contribuir com ferramentas que auxiliem o processo de ensino e aprendizagem, na atualização profissional. Que seja uma alternativa para oferecer subsídio na reflexão sobre conceitos, valores e tradições culturais, estimulando a tolerância e respeito ao diferente ou desconhecido.

Os dados foram analisados com referencial bibliográfico e com o EVOC (Análise das Evocações Livres: uma Técnica de Análise Estrutural das Representações Sociais), um software que realiza cálculos estatísticos e proporciona uma análise das palavras evocadas.

Os resultados apontaram para a valorização do caráter humano, principalmente quando diz respeito à escolha de uma pessoa para o matrimônio. Outras percepções, como preconceito e tolerância, também foram observadas.

As técnicas aplicadas nas oficinas de contação de história revelaram-se importantes instrumentos na prática docente. Foi prazeroso perceber que algumas professoras começaram a utilizar as técnicas de contação para trabalhar com suas turmas, antes mesmo do final da pesquisa. Ficou evidente o interesse das professoras em aprender mais e, a se transformarem, com o objetivo de poder contribuir para aperfeiçoar a qualidade do ensino.

2. Justificativa

A escola é um ambiente de produção do conhecimento e socialização. Nela, surgem fatores capazes de provocar mudanças na sociedade e destruir conceitos pré-estabelecidos e modelos a serem seguidos, através da construção ideológica e das relações entre os sujeitos. Experiências vivenciadas no espaço escolar servirão como referência futura diante de uma situação, influenciando o sujeito em suas escolhas (JESUS, 2007).

Este trabalho se justifica pela preocupação com as implicações no desenvolvimento da construção da identidade de crianças, nos primeiros anos de vida. Assim, acredita-se nesta proposta como mais um instrumento para oferecer subsídio ao processo ensino/aprendizagem e reflexão sobre conceitos, valores e tradições culturais, com estímulo à tolerância e respeito ao diferente.

A contação de história pode ser uma ferramenta útil para o corpo docente pensar as práticas pedagógicas e a constituição curricular. Neste sentido, é relevante oportunizar o contato com técnicas que colaborem com este processo.

A literatura de Malba Tahan é criativa, envolvente e pode auxiliar no resgate de temas, como virtude e valores, sem o intuito de ser moralista. Suas obras exaltam o belo, o bom, o verdadeiro e possuem elementos apropriados para refletir sobre ética, religião e literatura. Seus textos são didáticos, por apresentar informações sobre os costumes, o dialeto, os lugares bem detalhados e a conduta dos povos sobre os quais escreve (CALDAS, 2007).

Os costumes e tradições dos personagens observados nos contos de Júlio César de Melo e Souza, podem contribuir para a formação e o desenvolvimento de projetos com a literatura e a contação de história, na

reflexão sobre hábitos e costumes encontrados na leitura dos livros utilizados e na capacitação profissional.

3. Objetivo Geral

Analisar a percepção de um grupo de professoras da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental referente às qualidades atribuídas aos personagens em três contos de Malba Tahan, a partir de técnicas de contação de história, como recurso no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil e no ensino fundamental.

3.1 Objetivos específicos

- Observar a percepção das professoras nos contos: A noiva de Romaiana; O mercador de sonhos e O marido alugado, relacionados ao tema casamento e amor.
- Observar os costumes da cultura árabe que aparecem nos contos.
- Divulgar a obra de Malba Tahan.

4. Enquadramento teórico

4.1 A importância da literatura e da contação de histórias

Os contos e a contação de histórias surgiram há muitos séculos, quando as pessoas se reuniam em volta de fogueiras para conversar e contar histórias, tornando-se difícil determinar a época exata de sua origem. A partir do sec. XVII, começou a despertar o interesse de pesquisadores e a ganhar maior reconhecimento (MOREIRA, 2006).

As histórias não eram indicadas para o público infantil, por conter muitas passagens violentas e obscenas em seu enredo. Charles Perrault, durante o sec. XVII, reescreveu essas histórias e retirou grande parte do conteúdo considerado impróprio para crianças; publicou-as em uma coletânea intitulada “os contos da Mamãe Gansa”. A capa do livro era ilustrada com uma velha fiandeira, em alusão ao fato de essas mulheres contarem histórias, enquanto fiavam. No sec. XVIII, os irmãos Grimm compilaram as antigas narrativas, lendas e sagas germânicas da memória popular conservadas por tradição oral. No sec. XIX, surgiu Hans Andersen. Inicialmente, escrevia contos da tradição

oral, mas, depois, começou a escrever contos de fadas. Em suas histórias, procurava transmitir mensagens, apontando padrões de comportamento sociais e confrontos entre poderosos e desprotegidos, fortes e fracos (MATTAR, 2007).

No sec. XIX, a literatura infantil chega ao Brasil com a implantação da imprensa editorial de livros. Os livros eram traduzidos com a finalidade de atender à demanda escolar e possuíam conteúdo nacionalista e disciplinador. Os autores nacionais surgem somente no início do sec. XX, com a produção de Monteiro Lobato, Viriato Correia e Thales de Andrade, que valorizavam a cultura popular (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999).

A contação de histórias é um recurso antigo que a humanidade sempre utilizou para se comunicar, transmitir seus valores, hábitos e tradições. É na linguagem oral ou escrita que se revelam aspectos de uma sociedade, percepções de valores e elementos que caracterizam um grupo social. A história permite que uma geração conheça o passado, sua origem, os costumes e preserve a memória (CARVALHO; MENDONÇA, 2006).

Para Bettelheim (1980), os contos de fadas contribuem significativamente para o processo de ensino e aprendizagem, por promover a integração da personalidade e ajudar a solucionar problemas psicológicos do mundo infantil; apresentar elementos que estimulam a curiosidade, a atenção da criança e ajudam a vivenciar situações emocionais difíceis. A contação de história pode ser interdisciplinar e servir como recurso para o processo de ensino.

> É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

Segundo Oliveira e Passos (2008, p. 321) a literatura pode ser utilizada para a elaboração de trabalhos que visem a desenvolver as habilidades intelectuais, seja sob a forma de narrativas orais, leitura ou escrita. Dentre elas, podemos citar as fábulas, contos e histórias. Para as autoras “a literatura, por excelência, é um espaço de síntese da experiência humana, das emoções, e,

por isso, seu uso tem sido destacado, em diversos estudos, como privilegiado para o trabalho interdisciplinar".

Dalcin (2002) reafirma esse pensamento:

> As narrativas ficcionais mais conhecidas como "histórias" exercem forte influência tanto na formação cognitiva como na afetiva e social da criança. Sejam na forma de antigas lendas, contos de fadas, histórias infantis ou parábolas bíblicas, independentemente do gênero, as narrativas de ficção valorizam e ampliam nossa capacidade imaginativa, desenvolvem várias habilidades e estruturas do pensamento, além de auxiliarem na construção de significados (DALCIN, 2002, p. 60).

Sendo assim, considera-se importante a compreensão e utilização da narrativa como instrumento educativo nas pesquisas que objetivam o desenvolvimento profissional de professores/as. Oliveira e Passos (2008) exemplificam o tipo de leitura inteligente e criativa dos livros paradidáticos dos autores Monteiro Lobato e Malba Tahan. Nesse sentido, Dalcin (2002) justifica essa ideia:

> [...] da imaginação sem limites que remete o/a leitor/a ao mundo da fantasia, sem, no entanto, eliminar as ligações com a vida real, seus conflitos e dificuldades, seja pelo clima de suspense sustentado por um enredo constituído por uma sucessão de pequenos episódios que vão-se desvelando em torno de enigmas e aventuras — são alguns dos elementos que justificariam a aceitação desses autores e de suas obras até os dias de hoje (DALCIN, 2002, p. 26).

Consequentemente, a literatura instiga o imaginário infantil, dá respostas, cria novas ideias, desenvolve o intelecto, revela um mundo cheio de obstáculos, medos e soluções. No ato de ouvir histórias, a criança pode desenvolver seu potencial crítico, ao sentir, pensar, questionar, duvidar e estimular seu pensamento (SILVEIRA, 2008).

4.2 Júlio César de Melo e Souza - O Malba Tahan

Os contos de Malba Tahan, conhecidos pela riqueza de detalhes do mundo oriental, foram escritos por um escritor brasileiro chamado Júlio César

de Melo e Souza, nascido em 06 de maio de 1895, em Queluz, cidade paulista. Estudou e morou a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro. Foi professor de matemática e começou a interessar-se pela cultura árabe em 1918, quando percebeu que, para conseguir publicar seus contos, precisaria de um heterônimo. Estudou a cultura e a língua árabe, leu o Talmude[1] e o Alcorão[2], estudou História e Geografia do Oriente durante sete anos, e, em 1925, criou Malba Tahan (VILLAMEA, 1995).

Júlio César era muito detalhista e criativo, inventou uma biografia para seu personagem: Ali Yezzid Izz-Eddin Ibn-Salin Hank Malba Tahan, nascido em 6 de maio de 1885, na aldeia de Muzalit, próxima a Meca. Exerceu diversas funções até se tornar prefeito de El-Medina, e, por ocasião da morte de seu pai, recebeu grande fortuna, com a qual viajou o mundo e escreveu suas aventuras, que teriam sido traduzidas pelo fictício Professor Breno Alencar Bianco. Faleceria em 1921, lutando por liberdade, em apoio a uma minoria tribal, na Arábia central (TAHAN, 1966).

Júlio César deu vida a Malba Tahan, e chegou a receber do presidente Getúlio Vargas uma autorização especial para inserir o nome em seu documento de identidade. Júlio César escreveu 69 livros de contos e mais 51 livros sobre a didática da matemática, da qual era extremamente crítico à metodologia utilizada no início do sec. XX. Em seus contos, exaltou e divulgou a cultura árabe: seus valores, costumes, tradições, contribuições, as leis, a política, a religião, a posição social, os significados simbólicos da cultura árabe e algumas virtudes, como amizade, beleza, humildade e lealdade (LORENZATO, 1995).

Como professor, foi catedrático no Colégio Pedro II, no Instituto de Educação, na Escola Normal da Universidade do Brasil e na Faculdade Nacional de Educação, onde foi considerado Professor Emérito. Antes de se dedicar à matemática, foi professor de História, Geografia e Física; suas aulas eram aplicadas com uma didática divertida, utilizando estudos dirigidos e manipulação de objetos concretos. Defendia o uso de atividades lúdicas, a não utilização de fórmulas mecânicas, e valorizava o raciocínio e a

[1] Conjunto de leis e regulamentos do judaísmo rabínico. Tradições, costumes, ritos e cerimônias, assim como leis civis e criminais apresentados aos devotos a fim de inspirar a emulação na sabedoria e na conduta ética. Possui 63 livros.

[2] Livro sagrado do Islamismo. Código religioso, moral e político dos muçulmanos.

interdisciplinaridade. Por causa de seu estilo diferenciado, era convidado constantemente para ministrar palestras e cursos de capacitação.

Júlio César enxergava além de seu tempo, mas suas ideias não foram bem aproveitadas em sua época. Sua contribuição começa a ser reconhecida e valorizada com a fundação do Instituto Malba Tahan, no ano de 2004, em Queluz, cidade de seu nascimento. Em sua homenagem, também foi instituído o dia seis de maio (data de seu nascimento) como o dia da matemática, pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (LORENZATO, 1995).

Júlio César faleceu aos 18 de junho de 1974, depois de palestrar para um grupo de normalistas no Recife, PE. Ao voltar para o hotel em que estava hospedado, sofreu um ataque cardíaco e não resistiu. Deixou orientações para que fosse enterrado sem pompas nem discursos, preferindo a humildade e o anonimato, com a mesma simplicidade com que sempre viveu (VILLAMEA, 1995).

4.3 Os contos

Malba Tahan escreveu contos e lendas e misturou fantasia com elementos da cultura oriental, levando o/a leitor/a a viajar pelas areias dos desertos e cenários de encantamento, cheios de aventura, romance e poesia.

Os contos selecionados para este trabalho têm em comum a preocupação com o casamento e o amor, como se verifica nos resumos.

A noiva de Romaiana

É a história de um jovem que possuía três encantadoras moças como pretendentes à esposa. Como não sabia escolher entre as três jovens, pediu ajuda a um velho sábio, que o orienta a utilizar um estratagema. Romaiana entrega a cada uma delas um prato de arroz com um diamante escondido no meio e pede a cada uma que prepare um gostoso manjar. Depois de as três jovens cumprirem a tarefa, Romaiana, acompanhado do velho sábio, visita cada uma delas para provar a iguaria.

Na casa da primeira jovem, Romaiana prova o manjar, sem que a moça nada lhe fale sobre o diamante. Na segunda casa, a moça comenta ter encontrado o diamante em meio ao arroz, mas faz um anel para ela. Na casa da terceira jovem, ela os recebe com um belo banquete. Romaiana espantou-

se, sem conseguir entender como a jovem conseguiu fazer tantos pratos diferentes com apenas um punhado de arroz. A jovem, então, explica que, ao encontrar um diamante no arroz, penhorou-o, e, com o dinheiro, comprou outros ingredientes com o quais preparou o jantar. Suas vizinhas ficaram interessadas em aprender a fazer todas aquelas iguarias e pagaram para que ela as ensinasse; com esse dinheiro, a moça resgatou o diamante do penhor e o devolveu à Romaiana.

O velho sábio que acompanhou todo o percurso de Romaiana chamou o rapaz e o aconselhou a casar-se imediatamente com a terceira jovem, pois esta era honesta, habilidosa, boa e econômica (TAHAN, 1963). Ver conto completo no anexo 1.

O marido Alugado

Conta a história de Rachid Biram, um mercador muito rico que estava para partir em uma viagem de negócios. Entretanto, estava angustiado porque, dias antes, havia repudiado Naziha, sua esposa, por motivo tolo, e desejava reconciliar-se com ela antes de partir. Porém, de acordo com as leis mulçumanas, aquele que repudiar sua esposa, proferindo a fórmula sagrada[3] não poderá reatar seu casamento.

Desconsolado, Rachid relata sua desventura a um grande amigo, e este o aconselha a procurar um marido alugado[4] para casar-se com Naziha e repudiá-la, em seguida, segundo a fórmula sagrada; assim ela ficaria livre para casar-se novamente com Rachid. Acontece que na cidade só havia um rapaz capaz de aceitar a proposta de Rachid, mas recusou-se, mesmo diante de uma boa oferta.

O amigo de Rachid ficou inconformado com a atitude do rapaz e foi tirar satisfações. Ao chegar à casa do rapaz, descobriu que este havia partido e não tinha previsão para voltar; perguntou, então, ao pai do moço se ele sabia o motivo da recusa de seu filho. O pai explicou que seu filho sempre fora apaixonado por Naziha e sentia-se constrangido em se casar e ter que repudiá-

[3] Segundo as instituições mulçumanas, quando o marido pronuncia as palavras "Eu te repudio três vezes", estará oficialmente separado de sua esposa, não podendo reatar seu casamento, a menos que ela seja repudiada novamente por um segundo marido.

[4] Homens que cobram para se casar somente por algumas horas e repudiar as esposas por meio da fórmula sagrada, deixando-as livre para casarem com quem quiserem.

la em seguida. O amigo de Rachid saiu esbravejando e ofendendo o pai do rapaz, que mal podia defender-se.

Dias depois, uma bela jovem adentrou a tenda do amigo de Rachid, com a desculpa de comprar algumas sedas e joias. Ao perceber a beleza escondida por trás dos véus que a moça usava, ele ficou encantado, e, num impulso da paixão, pede-a em casamento. A jovem fica muito feliz e aceita o pedido. O casamento não demora a acontecer e, ainda durante a festa, ele flagra sua esposa nos braços de alguém que julga ser um amante. Enlouquecido de ciúme repudia-a três vezes, e, assim, desfaz o casamento. A jovem se aproxima dele e explica que o que ele viu era apenas sua escrava vestida de homem. Ela o havia feito passar por marido alugado, pois queria casar-se novamente com seu esposo, e não conseguia encontrar um jovem de confiança para essa função (TAHAN, 1963). Ver conto completo no anexo 2.

O mercador de sonhos

Narra a história de Omar Ben-Riduan, um jovem mulçumano oficial da guarda do sultão, apaixonado pela filha de um francês cristão, homem de poucos amigos, que ocupava um alto cargo na corte real.

Omar toma conhecimento de que está de passagem pela cidade um homem capaz de fazer uma pessoa sonhar com qualquer coisa, basta desejar, e o homem faz a pessoa sonhar com o que quiser. Omar resolve procurar o homem e lhe pede para fazê-lo sonhar com a moça encantadora pela qual está perdidamente apaixonado. O homem atende ao pedido do jovem, utilizando-se de um estratagema. Percebe o nome do rapaz gravado em sua espada e lhe diz que a moça também esteve em sua casa, à procura de um sonho, pediu para sonhar com um guarda real chamado Omar Ben-Riduan. Omar não cabe em si de tanta felicidade, ao acreditar que a moça correspondia ao seu amor, e sai correndo para pedir conselhos aos amigos.

Bem Cherak, o mais velho de seus amigos o aconselha a fugir com a moça, avisando que conhece o pai da jovem, e que ele jamais permitiria tal casamento. Omar enviou um mensageiro ao palácio, para combinar os detalhes da fuga com a moça; este, ao voltar, trouxe para Omar a triste notícia: a jovem havia viajado semanas antes para casar-se com um oficial escocês. Ao perceber a forma como foi iludido, o jovem Omar procura o homem para

tomar satisfações. Este o recebe calmamente e se explica dizendo ter feito apenas o que Omar havia pedido, ou seja, vendeu-lhe um sonho, uma ilusão (TAHAN, 1963). Ver conto completo no anexo 3.

4.4 A Relação de Malba Tahan com a Literatura Infantil

Em sua obra intitulada "A arte de ler e contar histórias", Malba Tahan expõe teorias e conceitos voltados à Educação Infantil e sugere, ao mesmo tempo, atividades baseadas em técnicas de contação de história fundamentadas em sua experiência de contador e professor (FARIA, 2004).

Para Malba Tahan (1966. p. 15): "uma história, bem escolhida e bem orientada, pode servir como viga-mestra na grande obra educacional".

A partir de meados do séc.XX, começou a introduzir-se nas escolas brasileiras o discurso da interculturalidade e interdisciplinaridade. Acredita-se que as histórias de Malba Tahan trazem reflexões e abordagens sobre os aspectos culturais, valores e tradições árabes que colaborem com a elaboração de trabalhos, dentro desse contexto (FARIA, 2004).

Observando algumas histórias de Malba Tahan direcionadas ao público infantil[5], é possível verificar a conexão existente entre as diversas áreas do saber; isso faz pensar que, em plena década de 1960, com o regime militar e um sistema educacional baseado em disciplina e obediência, Malba Tahan possuía ideias revolucionárias. Apesar de o conceito de interdisciplinaridade nem ser conhecido à época em que Malba Tahan escreveu suas histórias, percebe-se a inserção deste conceito em suas obras, tanto didática quanto literária, assim como em suas palestras, cursos de capacitação e em toda sua ação educativa (FARIA, 2004).

> Encontramos em Mello e Souza um professor que exercia a interdisciplinaridade em sua prática educativa desde a década de 30; e, em Malba Tahan, mais precisamente em O Homem que Calculava, os primórdios da estrutura interdisciplinar - o diálogo das diversas áreas do saber (FARIA, 2004.p.179).

[5] Existe uma coleção intitulada "Malba Tahan conta histórias" que contém seis livros, e foi publicada pela Editora Brasil-América, em 1968. (A Girafa Castigada; O Rabi, o Cocheiro e os Anjos de Deus; A Pequenina Luz Azul; Os Sonhos do Lenhador; O Tesouro de Bresa; A História da Onça que queria acordar cedo).

De acordo com Malba Tahan (1966), a história tem o poder de exercitar a memória, a observação, a inteligência, a lógica, além de estimular a imaginação e intensificar emoções nas relações sociais da pessoa. Ainda, tem a capacidade de ampliar o vocabulário, favorecer o ensino da língua e organizar a sequência lógica dos fatos, contribuindo, por exemplo, para o aprendizado da matemática.

Para Meireles (1994), a função principal da contação de histórias é transmitir a tradição e os valores de uma sociedade, e associa-se à estética, ao desenvolver habilidades, como utilização de recursos de interpretação, voz e gestos que prendem a atenção da plateia.

Contar histórias é uma arte que necessita de conhecimento, estudo em profundidade e domínio de algumas técnicas. Segundo Malba Tahan (1966), o contador de histórias deve estar seguro do enredo da história que pretende contar; narrar com naturalidade, mas com emoção, ter domínio sobre o público, expressar-se calma e claramente, dramatizar com moderação, saber despertar no ouvinte o desejo de manter contato com o livro e a leitura.

A história carrega elementos que ajudam a superar dificuldades de forma que leva as pessoas a um mundo de fantasia onde as aventuras vividas pelos personagens permitem que ela processe os significados contidos na história, criando e recriando possibilidades sobre como agir diante de um problema, encontrando alternativas criativas (TAHAN, 1966).

> a história grava-se, indelevelmente, em nossas mentes e seus ensinamentos passam ao patrimônio moral de nossa vida. Ao depararmos com situações idênticas, somos levados a agir de acordo com a experiência que, conscientemente, já vivemos na história (TAHAN, 1966. p.22).

Neste sentido, é importante o envolvimento do/a professor/a com a literatura e a contação de história, conhecer seus benefícios e saber utilizar os recursos que ela oferece para estimular a capacidade de seus/as alunos/as.

4.5 A utilização das técnicas de contação de história na educação

A contação de histórias nas escolas era utilizada para distrair e acalmar as crianças. No séc. XXI, sua prática começou a ter outras funções em sala de

aula como, por exemplo, um recurso para auxiliar o fazer pedagógico no ensino da linguagem oral e escrita (SOUSA, 2011).

As narrativas provocam a imaginação, fonte de criatividade, incentivam o aprendizado e favorecem a aquisição de conhecimentos, senso crítico e construção da personalidade da criança, por meio do “faz-de-conta”, que proporciona a exploração da diversidade cultural e incentiva as relações de afetividade e envolvimento social. Da mesma forma, uma história cativa e enriquece a atividade escolar, contudo alguns cuidados devem ser observados: a linguagem deve ser acessível, o enredo deve ser previsível para a criança e propiciar a exploração do tema para facilitar a compreensão do texto (SOUSA, 2011).

Busatto (2003) acredita que a contação de história pode ser utilizada como instrumento de pesquisa, para ensinar o/a aluno/a a conhecer, a respeitar e a valorizar a diversidade cultural, a História, a Geografia, pois passeia pelo tempo e espaço, em diferentes épocas, e carrega consigo características dos ambientes, hábitos e tradições dos lugares onde se passa a ação. Além disso, os enredos apresentam acontecimentos que envolvem sentimentos e valores, como verdade, justiça, solidariedade, traição, inveja, medo, e levam as pessoas a refletirem sobre valores universais. Malba Tahan (1966) reforça essa ideia:

> ... as narrativas de casos e contos podem ser aproveitadas em todas as atividades. Através dessas narrativas, podem ser ministradas aulas de Linguagem, Matemática, Educação Física, com o máximo de interesse e maior eficiência (p.142).

A criança gosta de ouvir a mesma história várias vezes; isso é importante para que ela encontre, a cada repetição, novos elementos, novas possibilidades, faça e refaça suas escolhas. Sousa (2011) cita os estudos de Jean Piaget (1896-1980) em relação ao desenvolvimento cognitivo da criança. Quando a criança experimenta novas experiências, agrega esse novo conhecimento às suas estruturas cognitivas já existentes, e, a partir daí, assimila uma nova informação, e, com isso, vai construindo seu aprendizado. A repetição é significativa, pois permite à criança reformular a história e promover uma conexão entre fantasia e realidade (SOUSA, 2011).

Contar histórias exige preparo. Algumas pessoas pensam não ter o dom para ser contador/a; entretanto, com dedicação e estudo, é possível transformar-se e descobrir novas possibilidades, como nos fala Coelho (1997):

> Há professoras que pensam que não têm jeito para contar uma história. Se experimentarem, descobrirão qualidades novas em si mesmas, reacendendo a própria criatividade, o que as incentivará a modificar a prática de ensino, obtendo resultados positivos (COELHO, 1997. p. 11-12).

Segundo Jesus (2007), vem surgindo uma linha de pensamento que defende uma escola democrática, voltada para uma educação para a cidadania, na tentativa de formar sujeitos críticos, capaz de desencadear mudanças na sociedade e questionar conceitos éticos pré-estabelecidos. Daí a sala de aula poder tornar-se um local de troca, construção, conhecimentos e novas formas de agir e pensar, colaborando para a formação da identidade profissional.

Para a autora, o universo infantil é recheado de brincadeiras de “faz-de-conta”, e a maior parte das crianças imita os adultos, seus hábitos e costumes, muitas vezes, reproduzindo até suas falas. Atentar para as influências que a família, vizinhança e grupo de colegas exercem diz respeito à aprendizagem, incluindo aí o ambiente escolar, pois professoras/es são referências marcantes na vida de uma pessoa. A escola é considerada um ambiente social de construção e reprodução de valores, comportamentos e regras ditos aceitáveis por um determinado grupo.

As histórias possibilitam às crianças experimentarem emoções e conflitos, sem a necessidade de vivenciar situações concretas, na realidade. Este processo permite à criança refletir sobre sentimentos dolorosos, de medo ou de alegria. Neste sentido:

> [...] é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto... Que saiba dar pausas, criar intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais [...] (Abramovich, 1997, p. 21).

A preocupação com a qualidade de ensino vem sendo tema de debates em várias esferas, no discurso político ou pedagógico; o relacionamento professor/a aluno/a tem sido discutido como tema de maior relevância. O/A professor/a reconhece a importância do relacionamento aluno/a/professor/a no processo de desenvolvimento e aprendizagem; entretanto, muitas vezes, encontra dificuldades em se relacionar com o/a aluno/a de forma aberta e direta (CABRAL, *et al*., 2004). Por esta razão, as narrativas podem ser boas ferramentas para se pensar nas novas exigências contidas nos RCNEI (1998)[6]

> As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças (RCNEI, 1998. v.3, p.143).

Outra dimensão diz respeito à necessidade de crescimento pessoal e valorização profissional do/a docente, pois envolve várias situações complexas que, por vezes, possuem significados contraditórios, crenças, valores éticos, hábitos e conceitos internalizados provenientes de outros espaços sociais. Gatti (2003) reforça a ideia:

> O conhecimento é enraizado na vida social, expressando e estruturando a identidade e as condições sociais dos que dele partilham. Por isso, ações sociais ou educacionais que têm por objetivo criar condições de mudanças conceituais, de atitudes e práticas precisam estar engrenadas com o meio sociocultural no qual os profissionais abrangidos por essas ações vivam (GATTI, 2003, p. 197).

Assim, ter consciência da importância que as histórias exercem na formação da pessoa, preparo para contar e transmitir aos ouvintes são requisitos essenciais para despertar nas pessoas o interesse pela literatura.

[6] Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil.

4.6 Representação Social

A teoria das representações sociais se apresenta como suporte para auxiliar na leitura dos dados coletados neste trabalho.

Para Moscovici (1978), a representação social está relacionada à consciência subjetiva, constituindo-se de percepções individuais. Nesse sentido, as significações de um dado objeto social se processam por meio das interações cotidianas da sociedade.

O autor faz referência a inter-relação entre os sistemas de pensamentos e as práticas sociais para compreender os fenômenos do senso comum e seus significados no processo de comunicação e no comportamento social.

Senso comum pode ser entendido como uma percepção em que pessoas agregam o conhecimento adquirido à sua vida, sem necessitar de regras e convenções para pensar, influenciado pela tradição e pelos estereótipos de linguagem. Por outro lado, o pensamento científico é restrito a um grupo limitado de pessoas, enquanto o senso comum é compartilhado pela maioria das pessoas, constituído por experiências cotidianas e elementos adquiridos através da transmissão de tradições culturais e educação recebida (MOSCOVICI, 1978 apud GOMES, 2000).

De acordo com Schuch et al. (2008), representações sociais são elaborações mentais partilhadas pelo senso comum por diferentes grupos em relação a objetos de interesse coletivo que por meio das interações sociais, da mídia e da linguagem são selecionadas pelas pessoas de acordo com suas experiências de vida. Assim, ideologias são construídas determinando ações do comportamento nas relações grupais, procurando compreender a história cultural da sociedade e as experiências vividas pelas pessoas.

É importante ressaltar que as representações sociais não classificam o certo ou o errado. A construção ideológica do senso comum acontece por meio de ações e atitudes de acordo com concepções presentes nas relações sociais. Analisar essas representações torna-se importante porque o ser humano é um ser em constante transformação social através de processos de influências e interações. Nesse sentido, estudar as representações sociais auxilia o conhecimento social e contribui com ações político-pedagógicas direcionadas ao processo de transformação social (GOMES, 2000).

A representação social se constitui de afirmações, conceitos e explicações sobre temas ou ações relacionadas aos elementos envolvidos, não se trata de simples opiniões individuais, mas de um pensamento coletivo, permitindo a leitura e a transformação do real social. As pessoas fazem parte da sociedade e possuem experiências diversificadas dentro desse corpo social que se comunica entre si dinamicamente. Essas pessoas compartilham conhecimentos, maneiras de pensar, visão de mundo, interesses comuns, formas de explicar a realidade, e nesta dinâmica, também produzem conhecimento para ser partilhado com os outros (MOSCOVICI, 1978).

É a partir deste ambiente que as representações sociais são criadas através de um sistema de trocas cotidianas dos temas elaborados no universo de cada sujeito. Essa representação social é gerada com experiências e conhecimentos anteriores das pessoas e reformulada por meio do processo de comunicação, constituindo-se em uma teoria com base no senso comum, utilizando-se do modo de agir e pensar das pessoas que possuem a mesma opinião sobre um determinado tema e que se relaciona com seu universo cultural, social e histórico (MOSCOVICI, 1978).

Outra característica do entendimento do conceito de representação social é sua função na formação de condutas que justifica e modela o comportamento, tanto por direcionar como por transformar os elementos do meio ambiente que influenciam o comportamento. O ser humano pensa, questiona e procura respostas, ao mesmo tempo em que compartilha o produto de suas próprias representações. A vida cotidiana segue um ritmo padronizado, de acordo com a sociedade da qual faz parte, utilizando os valores e condutas de comportamento que seguem padrões culturais (MOSCOVICI, 1978).

Um elemento essencial à vida cotidiana é a estrutura social. Através da sociedade, das interações e relações pessoais, o indivíduo expressa sua subjetividade, adquirindo confiança na sua realidade e observando outras realidades diferentes. A conduta tida como mais natural é aquela compartilhada pelo senso comum, pois faz parte da realidade da maioria das pessoas (MOSCOVICI, 1978).

Assim, busca-se o auxílio da teoria das representações sociais para complementar a análise dos dados dessa pesquisa, a fim de aprofundar conhecimentos que possam contribuir com o desenvolvimento de práticas

pedagógicas capazes de exercer papel transformador na sociedade do mundo moderno.

4.7 Costumes, tradições e valores orientais

Balbaki (2006) relata que os povos nômades, habitantes da Arábia, por volta do séc. VI, viviam dispersos pelos desertos e não possuíam laços de união nem coletividade, até surgir, durante o séc. VII, o profeta Mohammad, conhecido como Maomé, e que se tornaria um líder capaz de unificar os árabes por meio do Islam[7], um conjunto de recomendações e deveres fundamentados no amor de Deus e respeito aos homens, exigindo que:

> ...o crente seja justo, fiel, indulgente, bondoso, honesto, veraz, paciente, corajoso, generoso e trabalhador; que condena a covardia, a inveja, o ódio, a mentira, a calúnia, a agressividade, a corrupção e a traição (BALBAKI, 2006, p. 18).

Na tradição islâmica, os mulçumanos devem observar a unicidade de Deus, Mohammad como seu mensageiro, a oração, o jejum, o tributo e a peregrinação, conforme as orientações encontradas no Alcorão, livro sagrado que contém as diretrizes que teriam sido enviadas por Deus ao profeta Mohammad e registradas por seus escribas. Nele concentram-se os princípios da cultura islâmica, atividades intelectuais, seus costumes e leis. Direcionado à humanidade, sem qualquer distinção de cor, credo ou etnia, ele pretende ser um guia em todas as esferas da vida individual ou coletiva; material ou espiritual, utilizando parábolas e metáforas, para indicar o melhor caminho para agradar a Deus e conviver com o próximo (HAYEK, 1994).

A base da sociedade islâmica é a família, vista como pilar fundamental para o progresso e desenvolvimento harmonioso nas esferas sociais e econômicas. As famílias costumam ser numerosas, e os filhos, normalmente,

[7] É uma religião universal. A palavra Islam deriva da raiz árabe “Salam” que significa paz, pureza, submissão, obediência. No sentido, religioso, a palavra Islam significa “Submissão voluntária à vontade de Deus e Obediência à sua Lei”.
http://www.islamemlinha.com/index.php?option=com_content&task=view&id=221

só deixam a casa dos pais quando se casam. Quando um mulçumano falece, um membro da família se encarrega de lavar e enrolar o corpo em um tecido branco e depois enterrar com uma prece simples (HAYEK, 1994).

De acordo com o Islam, os bens materiais de cada muçulmano devem ser partilhados com os mais necessitados, esse valor é recolhido pelo governo e distribuído conforme instruções do Alcorão. Essa doação teria a finalidade de evitar o ódio dos desafortunados em relação aos mais abastados e promover a fraternidade social. Outro aspecto importante da tradição mulçumana é a peregrinação, um culto religioso que reúne mulçumanos de todas as partes, instituindo entre eles laços de amizade e relações de intercâmbio. Trata-se de uma viagem à cidade de Meca para uma visita a Caaba[8] e para orar no Monte Arafat. Esse procedimento busca resgatar a humildade, a reformulação íntima, a elevação espiritual (HAYEK, 1994).

Importante ressaltar que não existem asilos no mundo islâmico, a tarefa de cuidar dos pais na velhice é considerada uma dádiva divina e uma honra para os filhos (BALBAK, 2006).

4.8 A Mulher no Oriente

Nos séculos anteriores ao surgimento do Islam, as mulheres das civilizações antigas viviam sob a dominação masculina e eram obrigadas a suportar diversas humilhações por serem consideradas seres inferiores. Na índia, por exemplo, a mulher era tida como um impedimento à salvação espiritual do homem. Ao ficar viúva, a mulher indiana precisa escolher entre ser queimada na fogueira junto ao cadáver de seu marido ou ser relegada à maldição e banida do convívio social (BALBAK, 2006).

Na tradição judaica, a mulher, quando solteira, poderia ser vendida por seu pai como escrava, mesmo com pouca idade. No caso da morte do pai, os irmãos tinham direito sobre a vida dela. No Egito, era considerada cúmplice do diabo, e na Roma antiga, sobrevivia na dependência do homem. Com o surgimento das leis islâmicas, a situação da mulher alcançou um nível superior e o direito de igualdade sob alguns aspectos (BALBAK, 2006).

[8]Local de adoração à Deus. Construção em pedra de aproximadamente 4000 anos. Teria Deus ordenado Abraão a convocar a humanidade a visitá-la, e os peregrinos, ao chegarem, dizem: “Eis-nos aqui, ó Senhor!”.

No caso dos povos árabes, antes dos ensinamentos do Islam, a mulher possuía alguma liberdade, pois sua força de trabalho era utilizada em serviços domésticos, além de pastorear os animais. No entanto, a preferência era por filhos homens, considerados os defensores das tribos e das guerras. Era um costume enterrar a filha após seu nascimento para evitar a vergonha e desonra aos pais (BALBAK, 2006).

Com a instituição do Islamismo, a situação da mulher, que não possuía nenhum direito na sociedade beduína, tornou-se um pouco mais digna. Há uma revisão dos conceitos morais e sociais e a garantia de direitos conjugais trazidos pelo Alcorão, como se observa nestas passagens: "... Elas têm direitos equivalentes aos seus deveres, de forma justa, embora os homens tenham um grau a mais sobre elas..." (2ª Surata, versículo 228).

De acordo com os ensinamentos desse Livro Sagrado, o homem deve dispensar à esposa amor, respeito e afeição, proporcionando-lhe fartura, e a mulher deve prestar-lhe obediência e tê-lo como guia. O Islam previne para o uso de vestimentas recatadas, com o intuito de não fazer exposição de seus corpos, contendo suas vaidades para resguardar qualquer forma de sedução ou constrangimento para a sociedade. O casamento é considerado um contrato civil, sem a necessidade de uma cerimônia religiosa, apenas a concordância dos noivos e a presença de duas testemunhas. Só depois do casamento, segundo as leis do Islam, é permitida a relação sexual, sem afetar a moral nem causar escândalos à sociedade (BALBAK, 2006).

Por ocasião do casamento, o homem deverá pagar um dote à sua futura esposa, uma espécie de presente, em sinal de amor, carinho e respeito. Esse valor pertence à mulher, para ser utilizado da forma que melhor lhe convier. A tradição mulçumana aconselha que a mulher seja educada, bonita, de boa família, religiosa, fértil e virgem (BALBAK, 2006).

Outro aspecto relevante da tradição mulçumana é a questão da poligamia, que existe entre os povos árabes, há séculos, apoiada em fatores como: a própria "natureza" poligâmica do homem, uma taxa de mortalidade maior em função das batalhas e rejeição à prostituição. Apesar de aceitar a poligamia, o Islam impõe três condições para a realização de mais de um casamento: limite de quatro esposas, igualdade de direitos para todas as esposas, capacidade de arcar com o sustento de todas com a mesma

equivalência. O divórcio é permitido desde que justificado comprovadamente. Segundo as leis do Alcorão, nenhum mulçumano pode repudiar sua esposa por motivo fútil (BALBAK, 2006).

5. Metodologia

Nesta pesquisa foram organizados oito encontros com um grupo de vinte professoras da Educação Infantil até o quinto ano do Ensino Fundamental, no CAIC – Centro de Atenção à Criança - Paulo Dacorso Filho, escola pública localizada em Seropédica, Rio de Janeiro. Durante os encontros, com duração de duas horas, realizaram-se oficinas de contação de histórias, com dinâmicas para o desenvolvimento da técnica. A partir do conto, cada participante preencheu um formulário (Apêndice 1) para registrar suas percepções sobre as personagens da história.

Nessas oficinas, trabalhou-se com a construção de histórias coletivas, exercícios de voz e expressões gestuais, leitura compartilhada, observação e percepção, além de informações teóricas sobre a origem da tradição oral, ou seja, a contação de histórias, na busca de resultados para favorecer e rever conceitos, assim como contribuir para a formação dessas profissionais.

Os dados coletados foram trabalhados com o auxílio de revisão bibliográfica, a teoria das representações sociais e a utilização do software EVOC - Análise das Evocações Livres: uma Técnica de Análise Estrutural das Representações Sociais.

5.1 O software EVOC - Análise das Evocações Livres: uma Técnica de Análise Estrutural das Representações Sociais.

Essa técnica é conhecida também como associação livre ou teste por associação de palavras. Sua origem está na psicologia clínica e tem por finalidade localizar zonas de bloqueamento e recalcamento de um indivíduo, ou seja, a exclusão de pensamentos e algumas emoções do campo da consciência, que continuam existindo, mesmo sem a aceitação do indivíduo (BARDIN, 2006).

A evocação livre das palavras tem demonstrado ser muito útil nos estudos de estereótipos, percepções e atitudes, elementos que fazem parte das representações sociais, tornando possível a verificação da frequência e a

ordem média das palavras evocadas. A pessoa fala e escreve o que surge em sua mente imediatamente após ser estimulada por uma palavra conhecida como termo indutor. O software EVOC organiza essas palavras em ordem de frequência e média de evocação (SALES *et al*., 2007).

Este método possibilita investigar estereótipos compartilhados socialmente e capta a percepção da realidade por meio de elementos simbólicos que conduzem à "representação de um objeto (coisas, pessoas, ideias) mais ou menos desligada da sua realidade objetiva, partilhada pelos membros de um grupo social com certa estabilidade" (BARDIN, 2006. p. 47).

O EVOC é um software que realiza cálculos estatísticos para a construção de um quadro com quatro casas e proporciona a análise das palavras evocadas. Trata-se de uma investigação baseada na evocação de palavras referentes a um ou mais termos indutores. O termo indutor pode ser entendido como um tema que é dado como estímulo para o desenvolvimento das evocações, permitindo o agrupamento de palavras de um mesmo universo semântico. A ocorrência do número de palavras não deve exceder a seis, para evitar a evocação de sinônimos e a redução da rapidez das respostas o que afetaria o caráter espontâneo da técnica (MOREIRA *et al*., 2005).

5.2 A coleta de dados

O recolhimento de dados com as professoras foi realizado na própria escola.

1 - Realizou-se uma reunião com o corpo docente e direção da escola para esclarecimentos dos objetivos, métodos utilizados e coleta de dados.

2 - Cada encontro iniciava-se com uma oficina para explorar técnicas de expressão gestual, exercícios de voz, leitura, construção coletiva de histórias e tipos de linguagem: gestual e visual.

3 - Ao final da oficina, iniciava-se a contação de história, com as professoras em círculo. Ao término da história, era distribuído um formulário individual, para ser preenchido com a percepção de cada professora sobre as personagens e seus costumes.

4 - No final dessa atividade, fazia-se uma reflexão coletiva com as impressões e percepções relacionadas aos costumes e hábitos encontrados nos contos.

6. Análise e discussão de dados

Os encontros aconteceram em uma sala agradável, destinada ao exercício de leitura. No início, as professoras demonstraram pouca descontração; entretanto, aos poucos, foram ficando mais à vontade, provavelmente devido à nossa proximidade.

Os resultados revelam que valores, costumes e atributos encontrados nos contos podem servir como material para reflexão, elaboração e revisão de conceitos.

Os três contos utilizados narram histórias de amor, casamento, sonhos e desilusões. Apontam para a valorização da honestidade e afetividade nas relações sociais e matrimoniais.

6.1 A noiva de Romaiana

Encontram-se neste conto elementos que apontam para a valorização do caráter humano. O protagonista da história não consegue decidir-se entre três jovens igualmente belas para casar-se. Com a ajuda de um velho sacerdote, utiliza um estratagema para conhecer os valores e a personalidade de cada uma de suas pretendentes. No conto, o autor classifica a primeira jovem de desonesta, seguida da segunda como egoísta, e, por fim, a terceira jovem, com a qual Romaiana é aconselhado a casar-se imediatamente, pois esta é habilidosa, honesta, boa e econômica.

As características atribuídas pelo autor às personagens femininas, no conto, revelam as expectativas em relação ao comportamento da mulher muçulmana. Carregam significados adquiridos dentro de um contexto social e perpetuados em outras gerações. De acordo com a tradição oriental, espera-se uma mulher de comportamento submisso, generoso, com hábitos recatados, dedicada e trabalhadora; quanto mais trabalhadora for, melhor será julgada. As meninas, desde criança, são preparadas para resistir ao trabalho e, quanto mais demonstrarem dedicação aos serviços domésticos, melhores oportunidades encontrarão de se casarem (SADIQI, 2008).

Os resultados obtidos com a análise de dados apontados no quadro 1 mostram uma concordância das professoras em relação aos atributos negativos de desonestidade e egoísmo das duas primeiras jovens, observados no conto; entretanto, a terceira jovem foi classificada como inteligente pelas

professoras, enquanto as qualidades atribuídas à terceira jovem pelo autor são de uma moça prendada e honesta.

Quadro 1: Resultado das evocações para o conto A noiva de Romaiana

1º Quadrante: elementos do núcleo central			**2º Quadrante: elementos da 1ª periferia**		
Atributos	F>4	OME>2	Atributos	F>=4	OME>=2
1 – Desonesta	6	2,257	1 – Esperta	4	2,750
2 – Egoísta	5	2,333	2 – Gananciosa	3	2,467
3 – Inteligente	5	2,333	3 – Honesta	4	2,000
3º Quadrante: elementos de contraste			**4º Quadrante: elementos da 2ª periferia**		
Atributos	F<4	OME>2	Atributos	F<=2	OME<2
1 – Maliciosa	3	2,125	1 – Egoísta	1	1,567
2 – Interesseira	2	1,976	2 – Vaidosa	2	1,333
3 – Esperta	3	2,117	3 – Econômica	2	1,456

Fonte: Dados da Pesquisa (CASTRO, 2010)

A frequência das palavras evocadas permitiu construir, com o auxílio do software Evoc, um quadro dividido em quatro partes e observar os valores que as professoras atribuíram às personagens femininas do conto. No quadrante superior, à esquerda, ficam os termos que fazem parte do núcleo central e que são os de maior importância para a pessoa que os evocou. Os elementos do quadrante superior direito e inferior esquerdo são os termos de valor intermediário, considerados como elementos periféricos, e os termos situados no quadrante inferior direito são considerados como elementos de pouca importância. Essa técnica combina dois fatores relacionados às palavras evocadas, a frequência e a ordem média com que foram evocadas, sendo possível distribuir os termos evocados de acordo com o grau de importância atribuído pela pessoa que o evocou.

Os atributos evocados pelas professoras para a primeira jovem aparecem listados com o número 1 e confirmam a percepção das professoras com a descrição do autor. Assim como no caso da segunda jovem, que tem

seus atributos listados com o número 2. A diferença de percepção ocorre nos atributos referentes à terceira jovem. Encontrou-se, neste ponto, uma substituição de atributos na classificação feita pelas professoras em relação à terceira jovem. O adjetivo inteligente aparece no lugar de habilidosa, honesta, boa e econômica.

As evocações para o conto A Noiva de Romaiana revelam variações de percepção, quando a escolha de uma companhia envolve a sabedoria. No conto, Romaiana escolhe, de forma singular, a moça mais capacitada para proporcionar-lhe felicidade.

6.2 O Marido alugado

Neste conto, Malba Tahan revela traços da cultura islâmica, ao abordar o tema do casamento e do repúdio. Segundo as leis muçulmanas, o casamento não é um sacramento e sim um contrato que permite ao homem, em primeiro lugar, divorciar-se da mulher, caso ela se mostre “indócil ou desobediente”. De acordo com as leis islâmicas, uma mulher divorciada só pode casar-se novamente após sua separação legal, enquanto o homem não precisa esperar a legalização, visto que a prática da poligamia é aceita normalmente (BALBAKI, 2006).

De acordo com El Hajjami (2008), a palavra “repúdio” é uma tradução equivocada do termo árabe “talâq”, que pode ser interpretado como “liberação”. O termo repúdio remete à humilhação, desprezo ou rejeição, enquanto o significado da palavra em árabe refere-se à dissolução conjugal. Porém, quando apenas o homem deseja a dissolução do casamento, isso não impede que a mulher sofra humilhação.

O tema do preconceito também é abordado neste conto. O personagem principal considera indecente a atividade de um jovem que aceita alugar-se como marido e demonstra indignação pela atividade; entretanto, acaba exercendo tal ofício, quando se vê enganado por uma bela jovem e cai em uma armadilha. Malba Tahan, provavelmente, quis chamar a atenção para as aparências e para os sentimentos de desigualdade e intolerância. Neste conto, a percepção das professoras ficou dividida em relação à mulher que engana por uma boa causa, como um ato de amor, e a mulher falsa e mentirosa.

A tolerância é uma atitude social ou individual que define o grau de aceitação de uma situação e nos faz respeitar o direito a opiniões diferentes e, também, de transmiti-las pública ou privadamente. As pessoas se exaltam com facilidade, às vezes, dando muita importância a coisas menores e aos bens materiais. Tendem a formar grupos com seus semelhantes, descartando a convivência com pessoas que julgam não fazer parte de seu meio ou nível social. A experiência pessoal de cada pessoa vai determinar os limites de aceitação de cada uma (TONET, 2008).

Na sociedade ocidental, há diversas práticas de discriminação, como racismo, sexismo, homofobia. É um conceito que diferencia pessoas ou grupos opostos dentro de uma sociedade. Trata-se de um sentimento de convicção naquilo em que se acredita ou escolhe, relaciona-se com crenças e preconceitos que, às vezes, tornam a verdade obscura e impedem a aceitação de opiniões e argumentos diferentes. "... é um conceito dinâmico, uma linha móvel, que depende de tempo e lugar, pois as mesmas situações, em diferentes períodos históricos ou em culturas diferentes, são consideradas aceitáveis ou não" (RODRIGUES, 2007. p. 56).

Quadro 2: Resultado das evocações para o conto O marido alugado

1º quadrante: elementos do núcleo central			**2º quadrante: elementos da 1ª periferia**		
Atributo	F>7	OME>2	Atributo	F>5	OME>2
Preconceituoso	12	2,083	Ingênuo	9	2,333
3º quadrante: elementos de contraste			**4º quadrante: elementos da 2ª periferia**		
Atributo	F<=4	OME<=2	Atributo	F<5	OME>2
Amigo	3	1,667	Enganado	3	2,333
Impulsivo	4	1,750	Humilhado	2	3,000
Irresponsável	2	1,500	Imaturo	3	2,333
Precipitado	3	2,000			

Fonte: Dados da pesquisa (CASTRO, 2010).

O primeiro quadrante do quadro 2 evidencia a percepção das professoras quanto ao personagem principal como um homem preconceituoso, e, dentro do contexto social, no Oriente, pode ser interpretado de forma diferente. O conto leva a crer que essa era uma prática comum, mas também discriminada pelos muçulmanos.

Os quadrantes 2 e 3 apontam para características como ingênuo e precipitado, possivelmente uma percepção relacionada aos sentimentos de paixão do personagem pela jovem encantadora que o engana, fingindo estar também apaixonada por ele. Na verdade, a moça quer apenas que ele faça o papel de "marido desligador" [9].

[9] Termo usado para designar o homem que aceita casar-se por dinheiro e, em seguida, repudiar sua esposa, deixando-a livre para que ela possa casar-se novamente.

Os elementos do quarto quadrante não são significativos para a análise, porém, sugerem que o personagem foi enganado e humilhado por conta de sua imaturidade, ao precipitar-se, levado pela intensa paixão que sentiu ao ver a jovem.

6.3 O Mercador de Sonhos

Este foi o conto que mais emocionou as professoras, provavelmente por se tratar de um amor impossível. O tema do amor romântico sempre encanta o público, em qualquer época, seja nos contos de fadas, nas novelas ou nos livros de romance. Neste conto, Malba Tahan narra a história de um jovem soldado que se apaixona perdidamente pela filha de um oficial. Além da diferença de posição social, existia entre eles a diferença de crença: ele era muçulmano, regido pelas leis do Islã, enquanto ela era uma francesa cristã.

Segundo Neves (2007), as concepções acerca do amor são importantes para a formação das sociedades e das formas de expressão das diversas culturas, porque exprimem o que é aceito e desejável nas relações pessoais. O amor é associado, normalmente, ao universo feminino como um sentimento desenvolvido mais frequentemente pelas mulheres, sendo manifestado através de fatores emocionais intensos como, por exemplo, paixão, cuidado, sedução, carinho.

No entanto, não é um sentimento exclusivo das mulheres. Malba Tahan revela, em seu conto “O Mercador de sonhos”, o amor de um soldado da guarda Real pela filha de um nobre, sem condição de realizar-se. Ao ouvirem essa história, as professoras reconhecem esse amor por parte do homem, mesmo como uma fantasia e algo difícil nos dias atuais; para as entrevistadas, é algo desejável e gostariam de encontrar. Essa percepção das professoras, possivelmente, revela um ideal de homem apaixonado, sensível e desejado como companheiro e o quanto a relação amorosa entre pares se faz importante na vida das pessoas.

Essa visão romântica está alicerçada na representação de feminilidade do século XIX. A mulher se vê incluída nas formas de expressão cultural que, por um lado, problematizam as eternas questões humanas, e, por outro, oferecem a ilusão de amor que a mulher solicita (FREIRE, 2002).

Os resultados apresentados no núcleo central do quadro 3 evidenciam a grande frequência com que as palavras sonhador e apaixonado foram evocadas. Nos quadrantes intermediários, as evocações “ingênuo”, “impulsivo” e “corajoso” sugerem um homem de coração puro e sem maldade, mas, ao mesmo tempo forte e valente. Supõe-se que essa percepção romântica das professoras reforce a idealização de um homem ao estilo “príncipe encantado”.

Quadro 3: Resultado das evocações para o conto O mercador de sonhos

1º Quadrante: elementos do núcleo central			**2º Quadrante: elementos da 1ª periferia**		
Atributos	F>7	OME>2	Atributos	F>5	OME>2
Sonhador	16	2, 617	Ingênuo	7	2,550
Apaixonado	11	2,877			
3º Quadrante: elementos de contraste			**4º Quadrante: elementos da 2ª periferia**		
Atributos	F>=3	OME<=2	Atributos	F>=2	OME<2
Impulsivo	5	2, 000	Romântico	2	1,133
Corajoso	3	1, 867			

Fonte: Dados da pesquisa (CASTRO, 2010).

7. Considerações Finais

Os contos de Malba Tahan encantam e carregam mensagens com ensinamentos para a vida. Em suas histórias, percebe-se a importância da literatura como transmissora de traços culturais e memória de um povo. A fantasia e a imaginação envolvem o/a leitor/a num clima de magia e promovem a satisfação pela leitura. O hábito de leitura não significa desenvolver o gosto pela leitura, é preciso saber instigar o desejo de se aventurar pelo mundo mágico da literatura, sem impor regras nem limites. Malba Tahan era um mestre na arte de fazer gostar de ler, de querer saber mais, de ampliar conhecimentos.

As histórias utilizadas proporcionaram momentos de descontração, ao mesmo tempo em que enriqueceram as atividades realizadas nas oficinas de contação de história. As histórias de Malba Tahan abordam alguns valores, elementos de religiosidade e uma descrição tão detalhada de cenários que tornam possível ao/à leitor/a mergulhar no mundo oriental como se fosse parte dele.

Os estímulos provocados pelas histórias incentivam as pessoas a apresentarem reações que manifestem seus interesses, medos, e sonhos. Estes sentimentos precisam ser respeitados pelo/a professor/a, que deve dar liberdade ao aluno/a para exercer sua criatividade, soltar sua imaginação, pois essa autonomia desperta a curiosidade e constrói seu conhecimento com independência.

A contação de história é um modo rico de preservação da memória e da cultura de um povo; portanto, pode ser uma forma de intervir no desenvolvimento de novas metodologias de ensino, principalmente no que se refere à Educação Infantil e Ensino Fundamental. Esse mundo que faz sonhar exercita a mente, fomenta a criatividade, inventa possibilidades e torna a atividade de aprender mais prazerosa.

A experiência de troca com as professoras deixou impressões significativas para ambos os lados. Esse encontro refletiu a importância de um trabalho participativo e a produtiva união do ensino, pesquisa e extensão. Algumas professoras chegaram a sugerir a continuação dessa atividade, pela relevância na dimensão social e cultural e na descoberta de uma literatura com elementos que proporcionam a reflexão do contexto histórico-social e cria novos públicos para leitura.

Durante os primeiros encontros, observou-se a falta de conhecimento das professoras em relação ao autor e sua obra. Apenas uma delas já tinha ouvido falar em Malba Tahan, mas apenas dentro do contexto da matemática, o que reforça a convicção de que este trabalho é relevante, não só pelos aspectos didáticos, mas principalmente pelo contexto literário e da inserção do novo.

Ao realizar essa pesquisa, foi possível notar o interesse das professoras em aprender e poder contribuir para aperfeiçoar a qualidade do ensino. Neste sentido, considera-se que o objetivo de colaborar com o desenvolvimento de

técnicas para a prática escolar, assim como a aceitação do novo com olhar mais aguçado para questões tidas como internalizadas, foi alcançado, a ponto de incentivar uma das professoras de Educação Infantil a realizar, com sua turma, uma atividade envolvendo a contação de história. Segundo seu relato foi uma experiência muito proveitosa:

> ... resolvi fazer uma aula diferente com minha turma, levei eles para debaixo de uma árvore e lá sentamos todos em círculo. Comecei então a contar histórias com a ajuda do livro e fui mostrando as figuras. Depois ficamos falando da história, do que eles tinham achado e como mudariam a história. Foi uma experiência muito legal, eles adoraram!

Diante da fala da professora, fica clara a receptividade e o envolvimento na contação de história. As obras de Malba Tahan colaboram com o/a educador/a ao promover um diálogo entre visões culturais diferentes, assim como provocar questões que envolvem valores, sentimentos e escolhas. O encantamento provocado pelas histórias remete quem as escuta a um mundo de fantasia e sonho, e levanta questionamentos sobre aspectos não percebidos no dia-a-dia. É um momento de reflexão, de viajar pelo inconsciente, e talvez, encontrar respostas para muitas perguntas.

Neste sentido, acredita-se na contribuição deste trabalho na área da Educação e da Economia Doméstica como uma ferramenta didática e pedagógica, enfatizando a contação de histórias, que se tem mostrado eficiente nos diversos contextos. Assim como a Economia Doméstica, a contação de histórias possui várias faces e pode ser explorada em conjunto com outras disciplinas. A diversidade cultural e os temas relacionados à religião, costumes e sentimentos encontrados em Malba Tahan são elementos que também podem ser explorados por ambas as áreas sem prejuízo de outras.

Na análise de dados, foi possível notar uma concordância na percepção das professoras em relação aos atributos “desonesta” e “egoísta” de duas personagens do conto “A noiva de Romaiana”, e uma substituição de valores no caso da terceira jovem, considerada como inteligente, no lugar de “habilidosa”, “honesta”, “boa” e “econômica”.

Observa-se que o adjetivo “inteligente” não corresponde às definições do autor para a terceira jovem. Supõe-se, neste ponto, que a escolha do atributo

“inteligente”, dado pelas professoras à terceira jovem, possa estar relacionado ao contexto histórico de submissão e inferioridade vivido pela mulher durante séculos. Ao valorizar a qualidade de ser inteligente, é possível que, mesmo inconscientemente, as professoras estejam negando o fato de a jovem, no conto, ser escolhida para o matrimônio, por sua sinceridade e habilidades domésticas, como era esperado do comportamento feminino no período de sua submissão.

No conto “O marido alugado”, as professoras apiedaram-se do personagem principal, que foi enganado e humilhado por uma bela mulher, sugerindo sentimentos de proteção e cuidado. No conto “O mercador de sonhos”, as evocações levam a crer na idealização de um homem romântico, apaixonado, um príncipe encantado. Sentimentos tidos como típicos de um comportamento feminino.

Para concluir, acredita-se na força da literatura como meio de comunicação universal, que se utiliza de uma linguagem elaborada e, ao mesmo tempo, simples, carregada de todo tipo de emoção e capaz de transportar qualquer pessoa a um mundo de fantasias e rico em ensinamentos. A contação de história pode ser um instrumento útil na prática docente e na qualificação de profissionais envolvidos com o desenvolvimento humano e a elaboração de projetos direcionados à construção do saber, e, ainda, para aqueles/as que pretendem compreender um pouco mais dos desejos e defeitos das pessoas, desde tempos muito antigos.

8. Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997. Coleção pensamento e ação no magistério.

_____. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1995.

BALBAKI, Ezzeddine. O Islã e o choque de civilizações. **Revista Arrissala.** 2006. Disponível em: http://www.arrissala.com.br/isla.pdf

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: edições 70. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação infantil. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, Vol. 3, Brasília: MEC/SEF, 1998.

BETTELHEIM, Bruno**. A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa.** Petrópolis: Vozes, 2003.

CABRAL, Fábia; CARVALHO, Maria; RAMOS, Rosângela. Dificuldades no relacionamento professor/aluno: um desafio a superar. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.14, n.29, dez. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2004000300008&lng=pt&nrm=iso.

CALDAS, Carlos. **Ética, religião e literatura:** abordagem na perspectiva do tema da virtude. *In*: III Congresso Internacional de Ética e Cidadania, 2007, São Paulo. Anais do III Congresso Internacional de Ética e Cidadania - Religião e Cultura. São Paulo: Grapho Editora, 2007. Vol.1. p. 1-9.

CARVALHO, Maria; MENDONÇA, Rosa. (Org.) **Práticas de leitura e escrita.** Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/imagens/livros/livro_salto_praticas_de_leitura_e_escrita.pdf

COELHO, Nelly. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** 6 ed. São Paulo: Ática, 1997.

DALCIN, Andreia. **Um olhar sobre o paradidático de matemática.** 2002. 162f. Dissertação de Mestrado em Educação: Educação Matemática - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: http://www.fae.unicamp.br/zetetike/include/getdoc.php?id=121&article=25&mode=pdf

ESTÉS, Clarissa. **O dom da história:** uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FARIA, Juraci. **A Prática Educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: um olhar a partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda.** 2004, 256f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

FREIRE, Lilian. A histeria e a beleza: uma expressão no contexto cultural da atualidade. **Psicol. cienc. prof**. set. 2002, vol.22, no.3, p.70-77. Disponível em:

http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14149893200200300011&lng=pt&nrm=iso.

GATTI, Bernadete. Formação continuada de professores: a questão psicossocial. **Cadernos de Pesquisa**, v. 1, n. 119, p. 191-204, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742003000200010&script=sci_arttext&tlng=pt.

GOMES, Marcos. O saber popular e sua influência na construção das representações sociais**. Comum**. Ago/Dez 2000; v. 5 nº15, p. 161-171. Disponível em: http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum15/pdf/o_saber.pdf

_____. Representação Social: uma genealogia do conceito. **Comum** RJ. Jul/Dez 2004; v. 10, nº 23, p. 122-138. Disponível em: http://facha.edu.br/publicacoes/comum/comum23/Artigo7.pdf.

HAJJAMI, Aicha. A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. **Cadernos Pagu** 30. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n30/a09n30.pdf.

HAYEK, Samir. Alcorão. **Fonte digital**: Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu. São Paulo, 1994. Disponível em: http://www.islam.com.br

JESUS, Railda. Implicações da ação docente sobre questões de sexualidade e gênero na escola. **Revista FACED**, 12, n. 11 (2007). Disponível em: http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/viewArticle/2751.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira:** história e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Fundamentos).

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

LORENZATO, Sergio. Um (re) encontro com Malba Tahan. Revista Zetetiké. Ano 3, n 4. 1995. Disponível em: http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/zetetike/article/viewFile/796/694

MATTAR, Regina. **Os contos de fadas e suas implicações na infância**. 2007. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP Faculdade de Ciências – Campus de Bauru. Disponível em: http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Regina%20-%20Final.pdf

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MOREIRA, Antonia; CAMARGO, Brígido; JESUÍNO, Jorge; NÓBREGA, Sheva (orgs). **Perspectivas Pluri-metodológicas em Representações Sociais**. João Pessoa: Editora universitária da UFPB, 2005. 1 ed. vol. 1, 603 p.

MOREIRA, Isabel. **Contos da tradição oral: estudo informático-lexical e simbólico.** 2006. Dissertação de Mestrado - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Disponível em: http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/299/265

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NEVES, Ana Sofia. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluente" ou o retorno ao mito do "amor romântico". **Rev. Estud. Fem.** Florianópolis, v. 15, n. 3, Dez, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2007000300006&lng=en&nrm=iso

OLIVEIRA, Cristiane. **A sombra do arco-íris:** um estudo histórico/mitocrítico do discurso pedagógico de Malba Tahan. Tese de doutorado – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2007. 171p

OLIVEIRA, Rosa; PASSOS, Cármen. Promovendo o desenvolvimento profissional na formação de professores: a produção de histórias infantis com conteúdo matemático. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v.14, n. 2, p. 315-330. 2008.

Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v14n2/a10v14n2.pdf

OLIVEIRA, Vera. **O símbolo e o brinquedo:** A representação da vida. Petrópolis: Vozes, 1992.p. 183.

RODRIGUES, Maria. Interculturalidade: por uma genealogia da discriminação. **Psicologia e Sociedade** n. 19 3. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n3/a09v19n3.pdf

SADIQI, Fátima. Estereótipos e mulheres na cultura marroquina. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 30. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n30/a03n30.pdf

SALES, Zenilda; DAMASCENO, Marta; PAIVA, Miriam. Organização estrutural das representações sociais do cuidado. **Rev. Saúde.com**. v.3 n. 1. Jan/jun 2007. P. 28/36. Disponível em: http://www.uesb.br/revista/rsc/v3/v3n1a04.pdf

SCHUCH, Dalva; CORDEIRO, Maria Helena; OLIVEIRA, Luciana; PIVA, Vivian. O uso de instrumentos teóricos metodológicos da representação social na pesquisa em educação ambiental. 2008. Disponível em: http://www.pucpr.edu.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/678_425.pdf

SILVEIRA, Bianca. Contação de histórias na sala de aula: um poder mágico! **Prolíngua** João Pessoa, vol. 1 n. 2, p. 34-39, 2008. Disponível em: http://www.revistaprolingua.com.br/wp-content/uploads/2009/07/bianca-farias-da-silveira.pdf

SOUSA, Linete. Contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **BrasilEscola.** 2011. Disponível em: http://monografias.brasilescola.com/educacao/a-contacao-historias-como-estrategia-pedagogica.htm

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar história.** 5 ed., Rio de Janeiro: Conquista. 1966.

TAHAN, Malba. **Minha vida querida.** 14 ed., Rio de Janeiro: Conquista. 1963.

TONET, Nvunda. Limites à tolerância. **Psicologia.com. pt**, 2008. Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0152

VILLAMEA, Luiza. Malba Tahan – o genial ator da sala de aula. *In*: **Revista Nova Escola**, ano X, nº 87, set. 1995. p. 9.

Anexo 1

A NOIVA DE ROMAIANA[10]

(Malba Tahan)

Na opulenta cidade de Badu, na Índia, vivia, faz muitos anos, um rico brâmane, chamado Romaiana, que possuía as cinco virtudes desejáveis e era, além disso, destro e valente no manejo dos corcéis de combate.

Três encantadoras donzelas – Nang, Laira e Lamit – requestravam o coração do garboso e gentil Romaiana. Cada uma delas parecia exceder as demais em beleza de formas, lustres de avós e graças de gestos e sorrisos.

Não sabendo o generoso Romaiana qual das três deidades escolherpara esposa, procurou um velho sacerdote, chamado Vidharba, que morava na cidade, pediu ao bem do guru lhe indicasse um meio seguro e discreto de averiguar qual das três raparigas seria a mais prendada.

– Aconselho-te um artifício extremamente simples – acudiu o sábio brâmane ao jovem namorado. – Dá a cada uma das jovens um prato de arroz, no meio do qual terás, previamente, ocultado um brilhante, e pede-lhes que te preparem um gostoso manjar.

Depois de aprontar cuidadosamente os três pratos, conforme determinara o sacerdote, Romaiana tomou-o sob as amplas vestes, foi à casa da formosa Nang, e disse-lhe apresentando-lhe um deles.

– Velho pedir-te, minha querida, que me prepares tu mesma, com este arroz, um manjar. Virei, dentro de sete dias, saborear a iguaria que fizeras!

Idêntico pedido fez Romaiana, logo depois, a Laira e a Lamit, deixando-lhes os dois pratos restantes.

No dia marcado, ao cair da tarde, foi o moço brâmane, em companhia do judicioso Vidharba, à casa de Nang.

A jovem conseguira, com o alvo cereal que lhe dera Romaiana, um manjar finíssimo e saboroso.

---

[10] Esta história foi transcrita do livro de contos “Minha vida querida”, de Malba Tahan, 1963 – Editora Conquista, 14 ed., p. 139.

– Como és habilidosa, ó bela Nang! Exclamou o moço, cheio de entusiasmo. – Feliz o mortal que hás de eleger para esposo!

O velho guru disse, porém, baixinho, ao discípulo:

- Esta jovem é, realmente, como disseste, bastante habilidosa, mas não te poderá servir para esposa. É desonesta, e egoísta, pois, tendo encontrado o brilhante no meio do arroz, guardou-o sem nada dizer-te!

E prosseguiu:

- A mulher desonesta e egoísta, conforme li no hitopadexa[11], é como o tigre faminto da floresta, que tanto devora um ladrão como um santo!

Romaiana e seu mestre despediram-se de Nang, e dirigiram-se, em seguida, à casa em que morava Laira.

Não menos delicioso estava o pudim que esta idealizara. Ao prová-lo Romaiana ficou maravilhado:

- Não há elogios dignos deste apetitoso prato! Jamais me foi dado saborear iguaria tão fina! Estou encantado.

- Mais encantada estou eu ainda, retorquiu a jovem, pois no meio do arroz achei um valioso brilhante, com qual mandei fazer, para mim, este lindo anel!

E estendendo a mão fina e perfeita, mostrou ao namorado a riquíssima jóia que lhe cintilava no dedo esguio e branco.

Mas, sem que Laira o ouvisse, o sacerdote murmurou ao ouvido do jovem brâmane:

- Esta moça é prendada, é honesta, mas tem, a meu ver, um grave defeito: é egoísta! A mulher egoísta,conforme nos ensina o Hitopadexa, é como o pássaro que devora a semente para que ninguém possa aproveitar o fruto!

E, rematou, em voz baixa:

- Deixamos esta casa. Vejamos como vai receber-nos a formosa Lamit!

Romaiana seguiu, no mesmo instante, para a casa de sua terceira apaixonada.Acolheu-o Lamit com grande satisfação oferecendo-lhes um lauto banquete.

---

[11]Livro composto de uma coleção de fábulas, contos morais e apólogos. O hitopadexa é muito usado na Índia para a educação dos meninos.

- Que vejo! exclamou Romaiana. - Pedi-te que me fizesses, apenas, um manjar com a pequena porção de arroz que te dei, e encontro iguarias tão diversas e tão finas que só mesmo na ceia de um príncipe poderiam figurar!

- Pois tudo isso que aí está, retorquiu a jovem, preparei apenas com o arroz que me trouxeste!

- Como foi possível tal milagre?

- Nada mais fácil. explicou Lamit Ao examinar e lavar o arroz achei um brilhante. Se esse brilhante veio com o arroz, pensei, deve contribuir para a preparação dos pratos! E, assim, resolvi empenhar o brilhante.

Com o dinheiro obtido comprei vários ingredientes para as demais iguarias que aí estão. Mostrei-os às minhas vizinhas que, encantadas, me pediram lhes ensinasse a tão bem fazê-los. Aquiesci, recebendo, de cada uma, dois thalungs[12] de ouro. Foi com esse dinheiro que consegui retirar o brilhante do penhor!

E entregando a Romaiana a preciosa gema, disse:

- Aqui está o Brilhante! Guarda-o, que ele é teu!

O sábio bramarxi[13], conduzindo o rapaz para o canto da sala, segredou-lhe:

- Casa, meu filho, une-te hoje mesmo a esta meiga e preciosa menina! Ela é, a meu ver, habilidosa, honesta, boa e econômica!

E concluiu, com firmeza, que os anos e a experiência lhe garantiam:

- A mulher econômica, segundo diz o Hitopadexa, é como a formiga que nunca leva fora de sua vivenda os grãos preciosos de seu celeiro.

Romaiana seguiu, sem hesitar, o conselho do sábio Vidharba, e viveu muitos anos felizes, sem jamais esquecer os profundos ensinamentos do hitopadexa:

- “Em verdade, quem não tem, procure adquirir; adquirindo, guarde sem desperdiçar; guardando aumente convenientemente; aumentando, despenda nos lugares sagrados!”.

[12]Moeda antiga do Sião

[13]Brâmane dotado de grandes virtudes. Santo de casta bramânica.

Anexo 2

O Marido Alugado[14]

(Malba Tahan)

Rachid Biram, homem generoso e rico, que negociava em joias e sedas, procurou-me um dia, muito aflito, em minha tenda. A sua situação era delicada e, na verdade, apresentava não pequena dificuldade. Dentro de algumas horas, antes de surgir a lua, deveria partir com uma grande caravana de mercadores damascenos para a feira de Hil. Queria, porém, antes de iniciar essa longa jornada, casar-se outra vez com a encantadora Naziha, sua ex-esposa, que oito dias antes, num momento de exaltação, levado pelo ciúme, havia repudiado segunda a formula sagrada.

- Conheço aqui em Kufa – disse-lhe, sem muito hesitar, - certo Musa ibn-David[15] que se aluga para marido. Por que não o procuras? Deves obter, agora mesmo, um "marido desligador".

Antes de prosseguir, devo um esclarecimento aos leitores que ainda não percorreram, ao passo lento das caravanas, os intermináveis desertos da Arábia.

Segundo as instituições muçulmanas, quando um marido repudia a esposa uma ou duas vezes, pode recuperá-la, sem mais formalidades, ao fim de três meses e dez dias, quando, porém, o repudio e feito pela terceira vez ou mediante a formula: - "Eu te repudio três vezes" – o casamento está definitivamente rompido e o ex-marido só poderá contrair novo casamento com essa mesma mulher, no caso em que ela se case com outro homem, sendo pelo novo marido igualmente repudiada!

Tal exigência do Alcorão – que os doutores afirmam ser justificável em teoria – é na pratica uma fonte fecunda de situações cômicas e extravagantes, pois, muitas vez, um marido, desejoso de reatar relações com a esposa que

---

[14] Esta história foi transcrita do livro de contos "Minha vida querida",de Malba Tahan, 1963 – Editora Conquista, 14 ed.,p. 165.

[15] Musa, filho de Davi.

repudiou impensadamente, prepara para ela uma farsa ridícula de um casamento com um “marido alugado”.

Homens há que se prestam, mediante boa remuneração, a desempenhar o papel de marido “desligador”, preenchendo as formalidades de um casamento burlesco que dura, às vezes, pouco mais de uma hora.

Musa ibn-David era um desses tais que se “alugavam” para marido. Era provável, pois, que servisse ao rico Richard Biram.

- Já o procurei – declarou Rachid. – Ofereci-lhe uma boa recompensa, mas ele não a aceitou.

- Por Allah! – exclamei. – Não é possível! Musa sempre se prestou ao ignóbil papel de marido alugado e não será, portanto, capaz de recusar uma oferta desta ordem.

Montei a cavalo e, acompanhado de um guia negro, dirigi-me ao mesmo instante para a tenda do marido mercenário.Encontrei sentado à porta um velho de longas barbas brancas. Era o pai de Musa.

-Naharak, sahid, ia qhawaja![16] – saudei-o ao chegar. – Onde está Musa, ó David?

- Partiu há pouco para o deserto de Hajar – respondeu-me o ancião – e só voltara depois da outra lua!

- Sabes, ó cheique! Perguntei – por que motivo Musa não quis servir de “marido desligador” ao rico Biram?

- Sei sahherb[17] – respondeu-me. – Meu filho, quando ainda muito jovem, conheceu Naziha e apaixonou-se por ela. E bem sabes que um homem digno não poderia fazer, com a mulher amada, o papel de marido alugado!

- Uallah! – exclamei. – Ridícula desculpa! Arrojada tolice! Um homem que exerce a degradante profissão de teu filho não pode ter semelhantes escrúpulos! A formosa Naziha conhece-o bem e considera-o, por certo, mais desprezível que o chacal!

- Por Maomé! – exclamou o velho erguendo-se, colérico. – És um covarde! Procuras ofender meu filho quando sabes que já não tenho forças para repelir os teus insultos! Queira Allah que sejas castigado como mereces, pois o

[16]Bom dia, ó chefe!
[17]Título honroso, corresponde a senhor.

castigo de Deus está mais perto do pecador do que as pálpebras o estão dos olhos!

E o eco dessa praga terrível acompanhou-me os passos pelo deserto.

***

Nesse mesmo dia, ao cair da tarde, achava-me sentado à porta de minha tenda, meditando sobre o caso de Musa ibn-David, quando de mim se acercou uma jovem, completamente velada, que se fazia acompanhar de duas escravas.

Saudei-as respeitosamente e perguntei-lhe o que de mim desejava. Respondeu-me, com voz terna e maviosa:

- Que Allah te cubra de dons, ó jovem! Informaram-me hoje, pela manhã, que estavas de passagem por esta cidade com uma caravana de mercadores do Cairo e de Damasco, e que hoje mesmo partirás para Bagdá e daí para Basra. Quero comprar alguns vestidos, peças de adorno e joias.

E, enquanto falava, a jovem foi pouco a pouco erguendo o seu espesso véu, deixando descoberto o pequenino rosto, em cujas linhas o Divino Artista fizera aparecer os mil segredos de sedução. Fiquei deslumbrado! Exaltado seja Allah, o único, que soube reunir tanta beleza no olhar e tanto encanto no sorriso de uma mulher formosa!

Seduzido pela incomparável beleza da jovem desconhecida, prontifiquei-me a mostrar-lhe, no mesmo instante, todos os ricos artigos que levava: sedas, vestidos, tapetes, casemiras da Índia, colares, cafetãs de veludo, telas riquíssimas do Indostão, véus bordados a ouro, sapatos da Pérsia, peles do Cáucaso e mil outras coisas igualmente preciosas e deslumbrantes.

Duas horas ficou a jovem em minha tenda a examinar e escolher os objetos que pretendia comprar. Durante todo este tempo, Hadija – assim se chamava a linda muçulmana – falou-me de sua vida no harém de seus pais, que eram ricos e viviam num grande serralho junto ao Eufrates.

- Hadija – declarei afinal, num ímpeto, tomando-lhe as mãos entre as minhas – devo partir amanhã para Bagdá. Confesso-te, porém, que estou loucamente apaixonado por ti! Queres casar comigo?

Com um sorriso encantador, que por timidez parecia procurar refúgio nas covinhas das faces, ela assim me respondeu:

- Ó jovem tão bem dotado! Teu pedido traz grande alegria ao meu coração! As tuas palavras, como o vento no deserto, erguem bem alto a areia ardente dos meus desejos! Quero ser tua esposa e acompanhar-te pelo mundo na tua vida aventureira e incerta de mercador!

E, como não houvesse tempo a perder, ficou resolvido que o casamento se faria imediatamente. Uma hora depois, no grande salão do palácio em que morava Hadija, realizou-se o casamento segundo os preceitos muçulmanos, na presença do cádi e das testemunhas.

Terminada a cerimônia, deixei rapidamente o salão e fui falar com alguns amigos e empregados que me tinham acompanhado.Quando voltei para junto dos convidados, aguardava-me a mais dolorosa das surpresas. Fui encontrar minha esposa, em um canto do salão reclinada sobre um rico divã que um largo reposteiro ocultava; estava abraçada a um jovem, que a beijava apaixonadamente nos olhos negros e na boca nacarina e fresca.

- Ó falsa criatura! – bradei, tomando de grande furor. – Ainda não há uma hora que nos casamos e já tens um amante! Longe de mim, mulher indigna, filha de Cheitã![18]

E, revoltado com o procedimento da desleal que eu escolhera, para esposa, gritei, cheio de cólera, a fórmula definitiva do divórcio:

- De ti me divorcio três vezes!

Ao ouvir tais palavras, ergueu-se a jovem, e, com voz calma, irônica, disse-me:

- Julgas então que eu tenho um amante? És um tolo, um pateta! Olha! Olha bem! Este “jovem” que me abraçava e beijava é a minha boa escrava Zobeida, que fiz vestir com trajes masculinos! Foste completamente ludibriado e estou de ti para sempre divorciada!

Foi com espanto que percebi o engano que cometera num momento em que o ciúme e apaixão me haviam tornado cego. A pessoa que estava com Hadija realmente era uma escrava disfarçada com os cabelos cortados e vestida à maneira dos homens.

- Hadija! – exclamei. – Não sei como explicar o teu estranho proceder. Se não querias ser minha esposa, por que aceitaste o meu pedido de casamento?

---

[18]Demônio.

- Devo-te uma explicação, ó muçulmano - tornou a jovem – Há dois meses, mais ou menos, meu marido, Salim Hamed, num momento de exaltação, divorciou-se de mim, pronunciando três vezes a fórmula sagrada do divorcio.

Ontem, porém, procurou-me e propôs a reconciliação e um novo casamento. Infelizmente, segundo as nossas leis, eu não poderia me casar com ele sem ter casado antes com outro homem que me repudiasse. Na falta de um “desligador” de confiança, resolvi lançar mão de um estratagema. Casei contigo e procurei dar-te um pretexto, embora falso, para que me rejeitasses imediatamente. Agora sim, posso casar com Salim Hamed!

E voltando-me as costas, deixou-me estupefato diante do cádi e das testemunhas que se riam de mim.

Eu havia feito, sem querer, o ridículo e ignóbil papel de marido desligador!

O castigo de Deus está realmente, mais perto do pecador, do que as pálpebras o estão dos olhos!

Anexo 3

O Mercador de Sonhos[19]

(Malba Tahan)

Entrei. No meio da sala, mal – iluminada e forrada de tapetes amarelos, avistei um homem alto, pálido, de barbas grisalhas, que se dirigiu para mim vagarosamente. Ostentava largo turbante de seda branca, onde cintilava uma pedra que não pude classificar. No seu semblante havia cansaço e esse não sei que de misterioso notado em todos quantos mercadejavam com a magia.

Era o famoso feiticeiro hindu. Os marroquinos do bairro, com aquela precisão com que o vulgo geralmente apelida os tipos populares, haviam-no denominado “o mercador de sonhos”.

-Que desejais, ó jovem? – perguntou, fitando em mim os seus olhos negros e perspicazes.

- Afirmaram-me – respondi - que o senhor possui, graças a certos fluidos mágicos, o estranho poder oculto de fazer com que uma pessoa tenha o sonho que quiser. Sou curioso. Quero experimentar os encantos de sua magia, a força de seus fluidos maravilhosos. Quero sonhar.

- É verdade, ó mulçumano! É verdade – confirmou o mago indiano. – Tenho, realmente, esse dom raro e precioso de poder proporcionar às pessoas que me procuram todas as alegrias e todos os prazeres de um sonho desejado.

E, apontando para uma larga poltrona escura que estava a um canto, disse-me com gentileza:

- Senta-te e dize-me: com quem desejas sonhar? Que espécie de sonho mais te agrada, ó maometano?

Contei-lhe então o motivo único da minha visita aquele antro misterioso da magia-negra.

- Antes de tudo - comecei - devo dizer-lhe que sou um individuo excessivamente romântico e idealista. Sempre senti a forte atração das fantasias. Ultimamente,durante uma festa militar em Marraqueche, conheci

[19] Esta história foi transcrita do livro de contos “Minha vida querida”, de Malba Tahan, 1963 – Editora Conquista, 14 ed., p. 115.

certa jovem cristã, filha de um Francês de alta linhagem, que exerce funções diplomáticas na corte do sultão. Apaixonei-meloucamente pela “rumie” [20], mas não sei ainda se sou correspondido. Não obstante, desejo sonhar uma vez ao menos com a minha amada, um sonho claro e perfeito! Nesse sentido já fiz o possível, mas os meus sonhos povoam-se de imagens quase sempre desconexas, em meio das quais nunca vislumbrei a dona dos meus enlevos, a inspiradora do meu grande amor!

- E qual é o nome dessa jovem ideal? – perguntou - me o feiticeiro.

- Susana de Plassy.

- Curioso – Observou o famoso ocultista, passando vagarosamente a mão larga pela testa bronzeada – muito curioso! Ontem, ao cair da tarde, fui procurado por uma jovem cristã que aqui apareceu acompanhada por uma escrava moura: a minha formosa visitante pediu-me que a fizesse sonhar com um dos oficias da guarda do sultão, Omar Ben-Riduan! Indaguei do seu nome e soube que a jovem se chamava Susana de Plassy!

Ao ouvir semelhante revelação, um frêmito me percorreu o corpo todo e levantei-me como se fosse impelido por alguma possante mola de aço.

- Omar Ben-Riduan? Omar Ben-Riduan é o meu nome! Omar Ben-Riduan sou eu! Se ela pediu que a fizesse sonhar comigo, é certo que me ama também!

- Felicito-o, ó jovem – replicou o indiano, batendo-me, carinhoso, no ombro – É muito raro ver-se uma formosa cristã apaixonada por um mulçumano. Bem sabes o imenso abismo que separa os adeptos de Mafoma daqueles que professam a religião de Jesus!

Louco de alegria, atirei um punhado de ouro ao velho feiticeiro e corri para casa. Sentia-me alucinado como se estivesse sob a ação perturbadora de forte dose de haxixe.

Reuni alguns de meus mais íntimos, contei-lhes o que havia ocorrido e pedi-lhes que me ajudassem a encontrar uma solução para o meu caso sentimental.

---

[20] Apelido que os árabes dão aos franceses cristãos.

El Hadj[21] Ben Cherak, homem sensato e muito relacionado na alta-sociedade marroquina, disse-me, sem hesitar:

- Conheço muito bem o pai de tua apaixonada. É um cristão mau como um emir e mais orgulhoso do que um paxá. Detesta os árabes e jamais consentirá que sua filha se case com um mulçumano! Só vejo, portanto, uma solução: terás de raptar a jovem Susana! E isso só conseguirá com a sua cumplicidade!

Seguindo o conselho do prudente Ben-Cherak, fiz, naquela mesma tarde, os preparativos para a minha fuga com a linha rumie. Passei a fil-leile[22] a conversar com os amigos sobre a minha singular aventura.

Já tarde da noite, chegou à minha casa, de volta, o portador que eu enviara ao rico palacete do nobre Francês. Fui então informado de que Susana oito dias antes havia partido para a Europa, a fim de lá se casar com um fidalgo escocês. Percebi, no mesmo instante, que fora vitima de vergonhosa mistificação do indiano.

Revoltado e furioso por causa do papel ridículo que havia feito, voltei novamente ao antro do intrujão resolvido a tirar tremenda desforra.

O velho hindu – depois de atender a vários clientes que o esperavam - recebeu-me calmo, cínico, o semblante plácido de quem nunca praticara ação censurável.

Gritei-lhe, ameaçando-o com o punho fechado:

- Miserável! Por que mentiu? Susana nunca veio aqui a este antro nojento.

- Vamos devagar, meu jovem amigo – replicou o charlatão, imperturbável, segurando-me pela mão que o ameaçava. – Não fiz senão o que tu me pediste.

Vi, casualmente, o teu nome gravado no cabo do rico punhal que trazes à cinta. Jogando facilmente com o teu nome, pude proporcionar-te o encanto de uma ilusão efêmera. Menti para que pudesse não somente sonhar com um amor impossível como também acreditar nele!

E concluiu, sardônico, terrível:

- Afinal, o que vieste buscar aqui? Não foi um sonho? Não foi uma ilusão? Pois bem, eis precisamente, o que te vendi: Um sonho... Uma ilusão...

---

[21]Título honroso que precede sempre o nome de todo muçulmano que já fez a peregrinação à Meca.

[22]Expressão intraduzível. Significa mais ou menos, a parte da noite que se segue ao pôr-do-sol.